

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA
BACHARELADO EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

**Sobre uma conjectura de Erdős acerca de
grafos livres de triângulos**

Marcelo Machado Lage

MONOGRAFIA FINAL

**MAC 499 — TRABALHO DE
FORMATURA SUPERVISIONADO**

Supervisor: Prof. Dr. Guilherme Oliveira Mota

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos nº 2025/06707-6, 2025/14743-2

São Paulo
2025

*O conteúdo deste trabalho é publicado sob a licença CC BY 4.0
(Creative Commons Attribution 4.0 International License)*

Resumo

Marcelo Machado Lage. **Sobre uma conjectura de Erdős acerca de grafos livres de triângulos.** Monografia (Bacharelado). Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Elemento obrigatório, constituído de uma sequência de frases concisas e objetivas, em forma de texto. Deve apresentar os objetivos, métodos empregados, resultados e conclusões. O resumo deve ser redigido em parágrafo único, conter no máximo 500 palavras e ser seguido dos termos representativos do conteúdo do trabalho (palavras-chave). Deve ser precedido da referência do documento.

Palavras-chave: Grafos. Combinatória. Álgebras de flag.

Abstract

Marcelo Machado Lage. **On a conjecture by Erdős about triangle-free graphs.**

Capstone Project Report (Bachelor). Institute of Mathematics and Statistics, University of São Paulo, São Paulo, 2025.

Elemento obrigatório, elaborado com as mesmas características do resumo em língua portuguesa. De acordo com o Regimento da Pós-Graduação da USP (Artigo 99), deve ser redigido em inglês para fins de divulgação. É uma boa ideia usar o sítio www.grammarly.com na preparação de textos em inglês.

Keywords: Graphs. Combinatorics. Flag algebras.

Sumário

1	Introdução	1
1.1	Estrutura do trabalho	2
2	Preliminares	3
3	Resultados clássicos	5
3.1	Estabilidade em grafos livres de triângulos	5
3.2	Avanços parciais na Conjectura 1	8
4	Álgebras de flag	11
4.1	Preliminares	11
4.1.1	Densidades	11
4.1.2	O Teorema de Mantel	13
4.1.3	O método semidefinido	15
4.1.4	A álgebra	16
4.2	Aplicações	19
4.2.1	Cortes locais	20
4.2.2	Construindo o programa	22
4.3	Considerações sobre software e questões numéricas	23
5	Restrições de grau mínimo	25
5.1	Grafos livres de triângulos com grau mínimo grande	25
5.1.1	Grafos de Andrásfai	26
5.2	A Conjectura 1 para grafos de Andrásfai	26
5.2.1	Condição 1	27
5.2.2	Condição 2	28
6	Conclusão	31

Capítulo 1

Introdução

Uma das perguntas mais fundamentais em Teoria Extremal dos Grafos é “qual o maior número possível de arestas em um grafo de n vértices sem cópias de H como subgrafo?” Os celebrados teoremas de Turán e Erdős-Stone, e Erdős-Kovari-Sós dão respostas complementares para essa pergunta quantitativa, e muitas vezes (como no caso dos dois primeiros) fornecem tanto respostas qualitativas. De fato, se H não é bipartido, o Teorema de Erdős-Stone diz que um grafo que atinja a cota superior deve se aproximar de um grafo $(\chi(H) - 1)$ -partido, onde $\chi(H)$ é o número cromático de H . Para mais detalhes, recomendamos o excelente livro [4].

A resposta (numérica e estrutural) para essa pergunta no caso em que H é um *triângulo* é um dos resultados mais antigos em Teoria Extremal dos Grafos, tendo sido provado por Mantel em 1907: um grafo em n vértices sem triângulos possui no máximo $n^2/4$ arestas, e se a cota é atingida com igualdade, então H é bipartido. A partir das décadas de 1960 e 1970, com o trabalho de Erdős, Simonovits, Andrásfai e outros, a interação entre restrições numéricas e restrições estruturais em grafos introduz perguntas diversas, entre elas o estudo da *estabilidade*.

A estabilidade se refere justamente ao comportamento de grafos que, próximos ao limiar para o qual uma propriedade acontece, se aproximam de um exemplo extremal. Para o Teorema de Mantel, uma pergunta que se pode fazer é “quão próximo está um grafo livre de triângulos com muitas arestas de ser bipartido”? Em 1975, Erdős conjecturou uma forte resposta para essa pergunta, que todo grafo livre de triângulos com n vértices de fato pode ser tornado bipartido deletando no máximo $n^2/25$ das suas arestas.

O caso geral dessa conjectura permanece em aberto até a data da conclusão desse trabalho. Nesse trabalho, realizamos um estudo da conjectura, dos resultados clássicos provados em direção a estabilidade em grafos livres de triângulos e posteriormente apresentamos e empregamos duas ferramentas modernas (álgebras de flag e teoremas de homomorfismos relacionados a condições de grau mínimo) para obter avanços parciais na direção do caso geral da Conjectura.

1.1 Estrutura do trabalho

Organizamos os capítulos subsequentes como segue.

- No Capítulo 2, introduzimos alguns conceitos e fixamos a notação que será utilizada ao longo deste trabalho.
- No Capítulo 3, discutimos uma breve história do problema e resultados parciais clássicos.
- No Capítulo 4, apresentamos as álgebras de flag e a técnica de cortes locais para obter resultados numéricos na direção da Conjectura 1.
- No Capítulo 5, discutimos teoremas de homomorfismo e a Conjectura 1 para grafos de grau mínimo alto.
- No Capítulo 6, discutimos brevemente os resultados obtidos e direções futuras de pesquisa.

Capítulo 2

Preliminares

Um grafo G é um par de conjuntos finitos (V, E) , onde V é o conjunto de *vértices* de G , e E é o conjunto de *arestas* (pares não ordenados de vértices). Escrevemos $v(G)$ (ou $|G|$) e $e(G)$ para representar a cardinalidade de V e E , respectivamente. Dado um grafo G , usamos $V(G)$ e $E(G)$ para representar seu conjunto de vértices e arestas, respectivamente. Escrevemos, por simplicidade, uv (ou vu) para denotar a aresta $\{u, v\} \in E(G)$. Se a aresta uv é um elemento de $E(G)$, então dizemos que u e v são *vizinhos* (em G). A *vizinhança* de v (em G) é definida como $N_G(v) := \{u \in V(G) : uv \in E(G)\}$, e o *grau* de v (em G) é definido como $d_G(v) := |N_G(v)|$. Quando estiver claro a que grafo G estamos nos referindo, escrevemos simplesmente $N(v)$ e $d(v)$. Por fim, definimos o grau mínimo de G como $\min_{v \in V(G)} d_G(v)$.

Um grafo H é dito *subgrafo* de um grafo G e escrevemos $H \subseteq G$ se $V(H) \subseteq V(G)$ e $E(H) \subseteq E(G) \cap \binom{V(H)}{2}$. Ademais, se $V(G) = V(H)$, dizemos que H é um subgrafo *gerador* de G . Se um grafo G não contém nenhum subgrafo isomorfo a H , dizemos que G é *livre* de H . Dado um subconjunto $S \subseteq V(G)$, denotamos por $G[S]$ o grafo $(S, E(G) \cap \binom{S}{2})$. Para cada $S \subseteq V(G)$, definimos $G - S := G[V(G) \setminus S]$, e para cada $F \subseteq E(G)$, definimos $G - F := (V(G), E(G) \setminus F)$.

Dizemos que um subconjunto $S \subseteq V(G)$ é *independente* (em G) se $G[S]$ não possui nenhuma aresta. Um grafo com n vértices e $\binom{n}{2}$ arestas é chamado de *completo*. Definimos o k -*ciclo* C_k como o grafo com conjunto de vértices $[n] := \{1, 2, \dots, n\}$ e conjunto de arestas $\{\{1, 2\}, \{2, 3\}, \dots, \{k-1, k\}, \{k, 1\}\}$.

Se G é um grafo tal que $V(G)$ admite uma partição $\{A_1, A_2, \dots, A_r\}$ em que cada A_i é um conjunto independente em G , então dizemos que G é r -*partido*, e (A_1, A_2, \dots, A_r) é uma r -*partição* de G . Cada A_i é chamado de uma *classe* da r -partição. Dizemos que G é r -*partido completo* se $E(G) = \cup_{1 \leq i < j \leq r} G[A_i \cup A_j]$. Um grafo 2-partido é chamado de *bipartido*, e uma 2-partição de *bipartição*. O menor r tal que G é r -partido é chamado de *número cromático* de G e denotado $\chi(G)$.

Sejam G e H grafos. Dizemos que G é um *blow-up* de H se, para cada $v \in V(H)$, existe $S_v \subseteq V(G)$ tal que

- $\{S_v : v \in V(H)\}$ é uma partição de $V(H)$, e

- Para cada $xy \in E(G)$ e $u, v \in V(H)$, vale que $(x, y) \in S_u \times S_v \iff uv \in E(H)$.

Um blow-up é chamado balanceado se todos os conjuntos S_v têm a mesma cardinalidade. Se um grafo G é subgrafo de um blow-up de um grafo H , dizemos que G é *homomórfico* a H , e escrevemos $G \hookrightarrow H$.

Capítulo 3

Resultados clássicos

Nesse capítulo, iremos apresentar alguns resultados clássicos sobre grafos livres de triângulos, bem como enunciar a Conjectura que iremos explorar nos demais capítulos desse trabalho.

3.1 Estabilidade em grafos livres de triângulos

Historicamente, um dos primeiros resultados provados no que futuramente viria a ser conhecido como Teoria Extremal dos Grafos é o Teorema de Mantel.

Teorema 1 ([20]). *Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices. Então $e(G) \leq \lfloor n^2/4 \rfloor$. Além disso, $e(G) = \lfloor n^2/4 \rfloor$ se, e somente se, G é um grafo bipartido completo em que uma das classes tem tamanho $\lfloor n/2 \rfloor$, e a outra tem tamanho $\lceil n/2 \rceil$.*

Omitimos a prova do Teorema 1 nessa seção. No Capítulo 4, apresentaremos uma prova do Teorema 1 usando ferramentas modernas de Teoria Extremal dos Grafos, que servirá de motivação para o restante do Capítulo 4. De toda forma, provas elementares do Teorema 1 podem ser encontradas nas referências básicas da área (ver [4]).

O Teorema 1 impõe uma restrição bastante forte sobre grafos livres de triângulos muito densos (isto é, grafos com muitas arestas). Ao mesmo tempo que se permite que um grafo livre de triângulos tenha aproximadamente metade das arestas “disponíveis” (uma vez que o número máximo de arestas possíveis em um grafo com n vértices é $\binom{n}{2} \approx 2 \cdot \frac{n^2}{4}$), ele impõe uma forte restrição estrutural sobre tais grafos: para cada n , existe essencialmente um único grafo livre de triângulos com n vértices e $e(G) = \lfloor n^2/4 \rfloor$.

De forma paralela, podemos pensar em formas gerais de descrever grafos livres de triângulos e maximizar o número de arestas disponíveis. Por exemplo, os grafos bipartidos são claramente livres de triângulos, pois para quaisquer três vértices do grafo há dois na mesma parte pelo Princípio da Casa dos Pombos, e tais dois vértices não fazem parte de um triângulo pois não são vizinhos. Além disso, um grafo bipartido G com bipartição $V(G) = A \cup B$ possui, no máximo $|A||B| = |A|(n - |A|) \leq \lfloor n^2/4 \rfloor$ arestas, com igualdade se e somente se $\{|A|, |B|\} = \{\lfloor n/2 \rfloor, \lceil n/2 \rceil\}$.

Em conclusão, observa-se uma relação muito próxima entre a família de grafos livres de triângulos densos e a família de grafos bipartidos, e o Teorema 1 sugere uma aproximação entre as duas famílias quando a densidade do grafo aumenta. É portanto natural se perguntar se se estende tal analogia entre as duas classes de grafos: *quão “distante” pode estar um grafo livre de triângulos de ser bipartido?* A noção de distância que iremos utilizar é formalizada pela definição a seguir:

Definição 1. Seja G um grafo. Definimos $D(G)$ como o menor tamanho de um conjunto de arestas $F \subseteq G$ tal que $G - F := (V(G), E(G) \setminus F)$ é bipartido.

O próximo teorema é um teorema clássico de *estabilidade*, e dá uma resposta inicial para a nossa pergunta.

Teorema 2 ([25]). *Seja $m \geq 0$ um inteiro e seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e $\frac{n^2}{4} - m$ arestas. Então $D(G) \leq m$.*

O Teorema 2 pode ser interpretado como um resultado estrutural: quanto mais arestas queremos que um grafo livre de triângulos tenha, mais restrita será a estrutura desse grafo. Esse paradigma voltará no Capítulo 5, quando em vez de usarmos o número de arestas para parametrizar a densidade de grafos livres de triângulos, usarmos o seu grau mínimo.

A prova do Teorema 2 pode ser encontrada no Capítulo 3 de [4], mas os métodos utilizados na prova do Teorema de Mantel que apresentaremos no Capítulo 4 permitem obter resultados similares de estabilidade. Mais resultados relacionados a estabilidade em grafos podem ser vistos em [13, 16, 26].

Para grafos com apenas poucas arestas a menos que $n^2/4$, o Teorema 2 fornece uma cota superior satisfatória para $D(G)$. Em 1975, Erdős propôs a seguinte conjectura para uma cota *incondicional* sobre $D(G)$, no sentido que ela não depende do número de arestas de G .

Conjectura 1 ([8]). *Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices. Então*

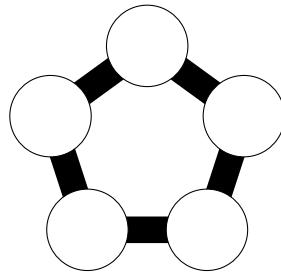
$$D(G) \leq \frac{n^2}{25}.$$

A Conjectura 1 permanece em aberto no caso geral.

Observe que o Teorema 2 prova a Conjetura 1 com pelo menos $21n^2/100$ arestas. Além disso, se verdadeira, a cota $n^2/25$ é ótima, pois o grafo G que é um blow-up balanceado de C_5 com $n = 5m$ vértices satisfaz $D(G) = m^2 = n^2/25$.

É fácil ver que o G é livre de triângulos e $D(G) \leq m^2$, pois ao remover todas as arestas entre um par de classes da partição o subgrafo restante se torna bipartido. Por outro lado, segue do Teorema 3 que existe uma coleção de “arestas grossas” de G cuja remoção deixa G bipartido e o total de arestas removidas é igual a $D(G)$, ou seja, $D(G) \geq m^2$.

Os blow-ups serão amplamente utilizados nos capítulos a seguir no estudo da Conjectura 1. Eles são grafos úteis porque se um grafo (grande) G é um blow-up de um grafo (pequeno) H , então uma série de comportamentos em G “imitam os comportamentos análogos” em G , e portanto podemos descrever certas propriedades de G usando os parâmetros

**Figura 3.1**

de H , que são menos. O Teorema 3 deixará essa utilidade evidente, mas antes de prová-lo precisamos definir de forma precisa a “analogia” entre G e H .

Definição 2. Seja G um blow-up de H e seja $V(G) = \{S_v : v \in V(H)\}$ uma partição de H que satisfaz a definição de blow-up. Dizemos que $F_G \subseteq E(G)$ é *canônico* se existe $F_H \subseteq H$ tal que

$$F_G = \bigcup_{uv \in F_H} E(G[S_u \cup S_v]).$$

Em outras palavras, um conjunto canônico de arestas é tal que, entre cada par de classes de $V(G)$, ou adicionamos todas as arestas entre essas classes para o conjunto, ou não adicionamos nenhuma dessas arestas.

É prudente observar que a definição de um conjunto canônico depende da escolha da partição de $V(G)$ (que não necessariamente é única). Em geral, essa escolha será clara do contexto.

Teorema 3 ([10]). *Seja H um grafo livre de triângulos e seja G um blow-up de H . Então existe $F \subseteq E(G)$ canônico tal que $|F| = D(G)$ e $G - F$ é bipartido.*

Demonstração. A prova usa um procedimento conhecido como *simetrização de Zykov*. Em linhas gerais, a ideia é que se u e v estão na mesma parte e $d_Z(u) \geq d_Z(v)$ para um certo subgrafo bipartido Z de G , então trocar a vizinhança de v em Z para $N_Z(u)$ não muda a propriedade de Z ser bipartido, não diminui o número de arestas de Z e o torna mais “simétrico” de forma que esse procedimento pode ser realizado apenas finitamente.

Seja Z um subgrafo gerador de G tal que Z é bipartido e $e(G) - e(Z_0) = D(G)$. Vamos definir $Z_0 := Z$ e modificar Z_0 sem diminuir seu número de arestas e garantindo que a propriedade da bipartição é mantida. Para isso, ordene as classes do blow-up H como $V(G) = \{S_1, S_2, \dots, S_n\}$ e aplique a seguinte operação sequencialmente para cada $i \in [n]$:

- Tome $x \in S_i$ com grau máximo em Z_{i-1} ;
- Para cada $y \in S_i \setminus \{x\}$, forme Z_i substituindo a vizinhança de y em Z_{i-1} por $N_Z(x)$.

Perceba que pela maximalidade de $N_{Z_{i-1}}(x)$, o número de arestas do grafo não diminui a cada substituição de vizinhanças. Além disso, a propriedade da bipartição é mantida: depois de substituir a vizinhança de y , coloque y na mesma classe da bipartição em que está x .

Em Z_n , todos os pares x, y pertencendo à mesma parte de $\{S_1, S_2, \dots, S_n\}$ terão a mesma vizinhança. Além disso, se $xy \in E(Z_n)$ com $x \in S_u$ e $y \in S_v$, então $x'y \in E(Z_n)$ para cada $x' \in S_u$ (pela simetria em S_u) e $xy' \in E(Z_n)$ para cada $y' \in S_v$ (pela simetria em S_v). Dessa forma, $F := E(H) \setminus E(Z')$ é um conjunto canônico de arestas de cardinalidade $e(H) - e(Z_n) \leq e(H) - e(Z_0) = D(H)$. Pela definição de $D(H)$, segue que a igualdade vale, e $|F| = D(H)$, como desejado. \square

3.2 Avanços parciais na Conjectura 1

Ao longo dos anos, as tentativas de resolução da Conjectura 1 levaram a importantes resultados parciais. Existem duas formas principais de produzir resultados parciais na direção da Conjectura 1: restringindo a família de grafos G (por exemplo, a um número máximo/mínimo de arestas) ou provando cotas mais fracas para $D(G)$. O seguinte teorema foi usado para obter resultados parciais nas duas condições (Corolário 1 e Teorema 5).

Teorema 4 ([12]). *Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e m arestas. Então*

$$D(G) \leq \min \left\{ m - \frac{4m^2}{n^2}, \frac{m}{2} - \frac{2m(2m^2 - n^3)}{n^2(n^2 - 2m)} \right\}.$$

Demonação. A prova da desigualdade $D(G) \leq m - \frac{4m^2}{n^2}$, bem como a ideia principal por trás da contagem que leva à cota $D(G) \leq \frac{m}{2} - \frac{2m(2m^2 - n^3)}{n^2(n^2 - 2m)}$, serão generalizadas na Seção 4.2.1. Por ora, provaremos apenas $D(G) \leq m - \frac{4m^2}{n^2}$, utilizando um argumento simples de contagem que importantes propriedades de grafos livres de triângulos que usaremos para localizar subgrafos bipartidos grandes.

Para cada vértice $v \in V(G)$, defina o conjunto $F_v := V(G) \setminus N_G(v)$ (os não vizinhos de v , incluindo o próprio v). Note que $D(G) \leq |F_v|$ para qualquer vértice v , pois a bipartição $\{N_G(v), V(G) \setminus N_G(v)\}$ possui exatamente $|F_v|$ arestas dentro da segunda parte, e a primeira é independente. Assim, temos que

$$D(G) \leq \min_{v \in V(G)} |F_v| \leq \frac{1}{n} \sum_{v \in V(G)} |F_v|. \quad (3.1)$$

Observe que se $xy \in F_v$, então $v \in V(G) \setminus (N_G(x) \cup N_G(y))$, logo cada aresta $xy \in E(G)$

pertence a no máximo $n - d_G(x) - d_G(y)$ conjuntos F_v . Aplicando essa cota em (3.1), temos

$$\begin{aligned} D(G) &\leq \frac{1}{n} \sum_{v \in V(G)} |F_v| \\ &\leq \frac{1}{n} \sum_{xy \in E(G)} (n - d_G(x) - d_G(y)) \\ &= m - \frac{1}{n} \sum_{x \in V(G)} d_G(x)^2 \\ &\leq m - \left(\frac{\sum_{x \in V(G)} d_G(x)}{n} \right)^2 \\ &= m - \frac{4m^2}{n^2}. \end{aligned}$$

□

Corolário 1 ([12]). Se G é um grafo livre de triângulos com n vértices, então $D(G) \leq n^2/18$.

De fato, o resultado de [12] é mais justo: analisando os casos próximos à igualdade, é possível provar que existe $\varepsilon > 0$ tal que $D(G) \leq (1/18 - \varepsilon)n^2$. A análise é direta, mas não trivial.

Teorema 5 ([12]). Para todo n inteiro positivo, a Conjectura 1 é verdadeira para grafos com n vértices e pelo menos $n^2/5$ arestas.

O Teorema 5 dá uma melhora aparentemente pequena sobre a cota inferior de $e(G)$ para a qual a Conjectura 1 é válida: de $e(G) \geq 0.21n^2$ usando o Teorema 2 para $e(G) \geq 0.20n^2$ usando o Teorema 5. Porém, acontece que $e(G) \geq n^2/5$ não é apenas uma melhora pequena, mas também um “limiar estrutural” para grafos livres de triângulos longe de serem bipartidos.

Teorema 6 ([10]). Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e pelo menos $n^2/5$ arestas. Então existe um grafo H^* também com n vértices tal que H^* é um blow-up de C_5 e, além disso, $e(G) \leq e(H^*)$ e $D(G) \leq D(H^*)$.

É fácil ver que $\max_{e(H^*) \geq m} D(H^*)$ (máximo tomado sobre os blow-ups H^* de C_5) é decrescente em m para $m \geq n^2/5$, o que dá uma cota melhor que $n^2/5$ para $e(G) \geq n^2/5$, condicionando no valor de $e(G)$. Do resultado do Teorema 6 também segue que o único exemplo extremal para a Conjectura 1 quando $e(G) \geq n^2/5$ são os blow-ups balanceados de C_5 . Não é conhecido nenhum outro exemplo extremal.

Omitiremos a prova completa do Teorema 6 e daremos apenas um brevíssimo esboço. As técnicas utilizadas não serão replicadas em outras partes desse trabalhos e requerem muitos cuidados com as contas. Os detalhes podem ser encontrados em [10].

Esboço da prova do Teorema 6. Definimos os dois conjuntos que formam a “quase bipartição” do grafo de forma algorítmica. Primeiro, escolhemos uma aresta xy com $d_G(x) + d_G(y)$ máximo e os conjuntos da bipartição $A_1 := N_G(x)$ e $A_2 := N_G(y)$. Como G é livre de triângulos, cada vértice de G pertence a no máximo uma dessas partes. Além disso, se

$e(G) \geq n^2/5$, então é fácil ver que o número de vértices que ainda não tem lado definido é no máximo $n^2/5$. Iterativamente, adiciona-se sequencialmente cada um dos vértices restantes a A_1 ou A_2 de forma a minimizar o número de arestas “monocromáticas” (isso é, entre vértices da mesma parte) a cada passo. Esses novos vértices formam conjuntos C_1 e C_2 , respectivamente.

A partir desse ponto, a prova segue dois caminhos:

- Se existe algum vértice $x_0 \in C_1 \cup C_2$ (suponha sem perda de generalidade que $x_0 \in C_1$) que tem pelo menos $|C_1 \cup C_2|$ vizinhos em C_1 , então é possível definir os tamanhos das classes de H^* usando os conjuntos que já temos e as vizinhanças de x_0 em C_1 e C_2 . As definições precisas dos tamanhos das classes são omitidas aqui.
- Se não existe tal vértice, então usando conjuntos de arestas duas a duas disjuntas (de tamanho cotado superiormente) em $A_1 \cup C_1$ e em $A_2 \cup C_2$, é possível descrever os tamanhos das classes de H^* de forma similar. Os detalhes numéricos desse caso também são omitidos aqui.

□

Por fim, apresentamos uma conjectura relacionada à Conjectura 1:

Conjectura 2 ([8]). *Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices. Então existe $X \subseteq V(G)$ com $|X| = \lfloor n/2 \rfloor$ tal que $e(G[X]) \leq n^2/50$.*

Posteriormente, Erdős ofereceu um prêmio monetário de \$ 250 para uma prova ou contraexemplo da Conjectura 2 [9].

Resultados similares ao Teorema 5 foram verificados para a Conjectura 2 [18]. Além disso, Krivelevich observou (ver [19]) que a Conjectura 2 implica a Conjetura 1 para grafos regulares: se X é o conjunto fornecido pela resposta à Conjectura 2 para G , então $e(G[X]) = e(G[V(G) \setminus X])$ pela regularidade de G , e segue que o subgrafo bipartido de G induzido pelas partes X e $V(G) \setminus X$ tem, no máximo, $2n^2/50 = n^2/25$ arestas a menos que G .

Capítulo 4

Álgebras de flag

Nesse capítulo, introduzimos alguns aspectos do poderoso método de álgebras de flag, introduzido por Alexander Razborov em 2007 ([23]). O método tem sido usado de forma diversa para obter resultados acerca de problemas em combinatória extremal, particularmente pela sua capacidade expressiva de realizar cálculos com densidades e homomorfismos de estruturas combinatórias variadas (grafos, grafos orientados, permutações...)

Para uma visão histórica do uso das álgebras de flag e resultados importantes alcançados ainda nos primeiros anos após a introdução do método, ver [24].

Nesse capítulo, introduzimos a teoria de álgebras de flag aplicada a grafos simples e densidades de subgrafos. A estrutura é fortemente baseada na exposição feita em [14] e também na exposição de [6]. Deixamos muitos dos detalhes técnicos das definições de lado em um primeiro momento, focando em uma abordagem direta que motive a utilização das álgebras de flag para problemas extremais em grafos livres de triângulos.

4.1 Preliminares

4.1.1 Densidades

Sejam F e G grafos quaisquer. A *densidade de F em G* (denotada $d(F, G)$) como o número de subgrafos induzidos de G com $|F|$ vértices que são isomorfos a F . Analogamente, a densidade de F em G é a probabilidade que um conjunto de $|F|$ vértices de G , escolhido uniformemente ao acaso, induza um subgrafo isomorfo a F .

Fixe um grafo grande G e fixe um grafo F com $|F| \leq |G|$. Para calcular $d(F, G)$, podemos fixar um inteiro l com $|F| \leq l \leq |G|$ e escrever

$$d(F, G) = \sum_{|V(H)|=l} d(F, H)d(H, G). \quad (4.1)$$

A igualdade é válida porque sortear um subconjunto $S \subseteq \binom{V(G)}{l}$ uniformemente ao acaso e depois sortear um subconjunto $T \subseteq \binom{S}{|F|}$ segue a distribuição uniforme em $\binom{V(G)}{|F|}$.

Agora, denote por \mathcal{F}_l^\emptyset a família dos grafos livres de triângulos com l vértices (a menos de isomorfismo). Para a configuração geral de flag algebras, a família “proibida” pode ser qualquer conjunto finito de grafos que não $\{K_3\}$. Se G é um grafo livre de triângulos, então por (4.1) vale que

$$d(F, G) = \sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} d(F, H)d(H, G). \quad (4.2)$$

Para problemas de minimização de uma expressão do tipo $d(F, G)$ (como no caso do Teorema de Mantel), desejamos utilizar a igualdade (4.2) para Em particular, usando $\sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} d(H, G) = 1$ temos $d(F, G) \leq \max_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} d(F, H)$. Por um lado, essa cota é um resultado “finito”, pois enquanto G é um grafo grande e F é um dado do problema, l é um parâmetro que podemos controlar para tentar obter resultados mais refinados.

Contudo, essa cota em geral é bastante fraca. A ideia do método semidefinido nas álgebras de flag é de gerar inequações lineares da forma

$$\sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} c_H d(H, G) \geq 0, \quad (4.3)$$

onde os c_H 's são constantes reais. Logo, poderemos obter de (4.2) a desigualdade

$$d(F, G) \leq \sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} (c_H + d(F, H))d(H, G) \leq \max_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} (c_H + d(F, H)).$$

Novamente, esse tipo de desigualdade permitirá cotar superiormente o valor de $d(F, G)$ para grafos “grandes” G usando apenas informações “finitas”, vindas de F , de l e da desigualdade na forma de (4.3).

Na verdade, o método semidefinido permitirá obter desigualdades na forma

$$\sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} c_H d(H, G) + o(1) \geq 0, \quad (4.4)$$

onde o termo $o(1)$ vai para zero quando $|G|$ cresce, e portanto a cota superior obtida para $d(F, G)$ será

$$d(F, G) \leq \max_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} (c_H + d(F, H)) + o(1). \quad (4.5)$$

Em geral, esse tipo de resultado é suficiente quando a compreensão assintótica é suficiente. Veremos no caso do Teorema 1 e posteriormente no caso da Conjectur 1 que argumentos com blow-ups podem ser usadas para transferir os resultados assintóticos para grafos concretos. Ou seja, o termo $o(1)$ em (4.4) não será um problema para as aplicações visadas nesse trabalho.

4.1.2 O Teorema de Mantel

Vamos provar o Teorema 1 usando a estratégia descrita na Seção 4.1.1. Iremos provar que $d(\bullet, G) \leq 1/2 + o(1)$. Iremos usar $l = 3$, que em 4.2 nos dá a igualdade

$$d(\bullet, G) = d(\bullet; \bullet, \bullet) d(\bullet, \bullet, G) + d(\bullet; \bullet, \bullet) d(\bullet, \bullet, G) + d(\bullet; \bullet, \bullet) d(\bullet, \bullet, G),$$

ou simplesmente

$$d(\bullet, G) = \frac{1}{3} d(\bullet, \bullet, G) + \frac{2}{3} d(\bullet, \bullet, G).$$

Isso nos dá a igualdade na forma de (4.2). Agora, temos que uma desigualdade na forma de (4.4) que nos permita concluir $d(\bullet, G) \leq 1/2 + o(1)$.

A desigualdade em questão será

$$\frac{1}{2} d(\bullet, \bullet, G) - \frac{1}{6} d(\bullet, \bullet, G) - \frac{1}{6} d(\bullet, \bullet, G) + o(1) \geq 0. \quad (4.6)$$

Assumindo (4.6), temos

$$d(\bullet, G) \leq \frac{1}{2} d(\bullet, \bullet, G) + \frac{1}{6} d(\bullet, \bullet, G) + \frac{1}{2} d(\bullet, \bullet, G) + o(1) \leq \frac{1}{2} + o(1),$$

como desejado. Então nos resta descobrir como gerar desigualdades à maneira de (4.6).

Fixe um vértice “especial” $v \in V(G)$ (que representaremos como \blacksquare). Nós podemos definir a densidade em G^{\blacksquare} com um vértice especial da mesma forma, calculando a densidade de estruturas que também tenham um vértice especial. Por exemplo, $d(\bullet, G^{\blacksquare})$ é a probabilidade de que um vértice $u \in V(G) \setminus \{v\}$, escolhido uniformemente ao acaso, seja vizinho de G .

Observe que

$$(d(\bullet, G^{\blacksquare}) - d(\bullet, G^{\blacksquare}))^2 \geq 0, \quad (4.7)$$

e portanto

$$d(\bullet, G^{\blacksquare})^2 - 2d(\bullet, G^{\blacksquare}) d(\bullet, G^{\blacksquare}) + d(\bullet, G^{\blacksquare})^2 \geq 0. \quad (4.8)$$

O produto $d(\bullet, G^{\blacksquare})^2$ é a probabilidade que dois vértices escolhidos aleatoriamente ao acaso (com reposição) em $V(G) \setminus \{v\}$ sejam ambos vizinhos de G . A probabilidade que esses dois vértices sejam iguais é $o(1)$, e se eles são distintos, então os dois (e v) induzem um subgrafo isomorfo a \bullet, \bullet (pois G é livre de triângulos). Ou seja,

$$d(\bullet, G^{\blacksquare})^2 = d(\bullet, G^{\blacksquare}) + o(1).$$

De forma análoga, é possível provar

$$d(\bullet \text{---} \square, G^{\square}) d(\square \text{---} \bullet, G^{\square}) = \frac{1}{2} d(\bullet \text{---} \square, G^{\square}) + \frac{1}{2} d(\square \text{---} \bullet, G^{\square}) + o(1), \quad (4.9)$$

$$d(\square \text{---} \bullet, G^{\square})^2 = d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square}) + d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square}) + o(1). \quad (4.10)$$

Substituindo (4.9) e (4.10) em (4.8), obtemos

$$d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square}) - d(\bullet \text{---} \square, G^{\square}) - d(\square \text{---} \bullet, G^{\square}) + d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square}) + d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square}) + o(1) \geq 0. \quad (4.11)$$

Obtivemos assim uma igualdade que se assemelha à igualdade (4.6), mas com densidades de conjuntos de 3 vértices contendo um vértice especial v em G^{\square} em vez de densidades em G para subconjuntos de tamanho 3 escolhidos ao acaso.

Para obter densidades em G a partir de (4.11), iremos fazer a média dessa desigualdade por todas as escolhas possíveis de v . De forma análoga, podemos pensar em escolher v uniformemente ao acaso. Por exemplo, escolhendo v aleatoriamente temos que

$$\mathbb{E}[d(\bullet \text{---} \bullet, G^{\square})] = \frac{1}{3} d(\bullet \text{---} \bullet, G),$$

pois para cada subgrafo induzido de G que é isomorfo a  existe apenas uma dentre as três escolhas possíveis para o vértice especial v tal que o grafo “rotulado” resultante é isomorfo a .

Portanto, segue de (4.11) que

$$\frac{1}{3} d(\bullet \text{---} \bullet, G) - \frac{2}{3} d(\bullet \text{---} \square, G) - \frac{2}{3} d(\square \text{---} \bullet, G) + \frac{1}{3} d(\bullet \text{---} \bullet, G) + d(\bullet \text{---} \bullet, G) + o(1) \geq 0,$$

que é o mesmo que

$$d(\bullet \text{---} \bullet, G) - \frac{1}{3} d(\bullet \text{---} \bullet, G) - \frac{1}{3} d(\bullet \text{---} \bullet, G) + o(1) \geq 0,$$

que é um múltiplo de (4.6).

Assim, provamos que se G é um grafo livre de triângulos, então $d(\bullet \text{---} \bullet, G) \leq 1/2 + o(1)$. Para provar a versão sem $o(1)$, tome um grafo livre de triângulos G qualquer e considere um blow-up balanceado G_N de G em que cada vértice de G é substituído por um conjunto independente de tamanho N . Então, pela versão assintótica do Teorema de Mantel que provamos, $e(G_N) \leq \frac{1}{2} \binom{N|G|}{2} + o(1) \leq \frac{N^2|G|^2}{4} + o(N^2)$. Além disso, $e(G) = N^2 e(G)$, portanto $e(G) \leq \frac{|G|^2}{4} + \frac{o(N^2)}{N^2}$. Fazendo $N \rightarrow \infty$, obtemos $e(G) \leq \frac{|G|^2}{4}$, o que conclui a prova da versão finitística (existe essa palavra?) do Teorema 1.

A estratégia apresentada nesse caso simples reflete bem a estratégia geral que utilizaremos quando formos provar algum resultado mais sofisticado com álgebras de flag. Começamos fixando um subgrafo especial σ (no caso de Mantel, $\sigma = \square$ tem apenas um vértice) para uma desigualdade quadrática (4.7) envolvendo as densidades relativas a uma cópia fixa de σ em G ; multiplicamos tais densidades relativas a σ adicionando termos de

erro para obter desigualdades lineares com as densidades relativas a σ (4.9); escolhemos aleatoriamente um subgrafo induzido de G isomórfico a σ para associar as densidades de subgrafos com σ fixado a densidades de subgrafos sem essa restrição. Todos os passos acima podem ser tornados mecânicos, exceto a obtenção da desigualdade quadrática inicial.

A desigualdade em questão deve satisfazer a hipótese de ser não negativa para toda escolha de densidade envolvida. Para isso, iremos escolher uma desigualdade da forma $v^\top A v \geq 0$, onde v é um vetor com todas as densidades de certos subgrafos bem escolhidos e A é uma matriz positiva semidefinida. Por exemplo, podemos reescrever (4.8) como

$$[d(\text{---}, G) \quad d(\text{---}, G)] \begin{bmatrix} 1 & -1 \\ -1 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} d(\text{---}, G) \\ d(\text{---}, G) \end{bmatrix} \geq 0.$$

De fato, poderíamos ter começado com uma matriz positiva semidefinida genérica $A = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} \\ a_{12} & a_{22} \end{bmatrix}$, encontrando os coeficientes de (4.4) e cotando em (4.5) para provar que $d(\text{---}, G) \leq d^* + o(1)$, onde d^* é o valor do programa semidefinido

$$\begin{aligned} \text{Minimizar} \quad & \max \left\{ \frac{2}{3} + \frac{1}{3}a_{11} + \frac{2}{3}a_{12}, \frac{1}{3} + \frac{2}{3}a_{12} + \frac{1}{3}a_{22}, a_{22} \right\} \\ \text{sujeito a} \quad & \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} \\ a_{12} & a_{22} \end{bmatrix} \in \mathbb{S}_+^2. \end{aligned}$$

4.1.3 O método semidefinido

Seja \mathcal{F} uma família de grafos “proibidos”. Um *tipo* σ é um grafo \mathcal{F} -livre junto a um homorfismo $\theta: [s] \rightarrow V(\sigma)$ para algum $s \geq 0$. Frequentemente iremos omitir o homorfismo quando esse for claro do contexto. Então, definimos um σ -flag como um grafo \mathcal{F} -livre F que contém como subgrafo induzido uma cópia induzida de σ rotulada por θ . Em outras palavras, um tipo é um grafo (pequeno) com todos os seus vértices rotulados/especiais, enquanto um flag é um grafo parcialmente rotulado de acordo com um tipo.

Dado um grafo G e um tipo σ de tamanho s , vamos fixar inteiros $l > s$ e $m \leq (l+s)/2$. Seja \mathcal{F}_m^σ o conjunto de todos os σ -flags de tamanho m , a menos de isomorfismo (no caso de flags, o isomorfismo restrito aos vértices de σ deve ser a identidade). Seja também Θ o conjunto de todos os homorfismos injetivos de $[s]$ para $V(G)$. Dado $F \in \mathcal{F}_m^\sigma$ e $\theta \in \Theta$, definimos a *densidade induzida* $d(F, G; \theta)$ como a probabilidade de um conjunto $V' \subseteq$ de tamanho m que contém σ , escolhido uniformemente ao acaso, induza um σ -flag isomórfico a F . Observe que para $s = 0$ (isto é, não estamos efetivamente rotulando nenhuma parte do grafo), então $d(F, G; \theta) = d(F, G)$ é a definição usual de densidade induzida.

Se $F_a, F_b \in \mathcal{F}_m^\sigma$ e $\theta \in \Theta$, definimos $d(F_a, F_b, G; \theta)$ como a probabilidade de, ao escolhermos dois conjuntos $V_a, V_b \subseteq V(G)$ com $V_a \cap V_b = \text{im}(\theta)$, uniformemente ao acaso, então os σ -flags induzidos por V_a e V_b são isomórficos a F_a e F_b respectivamente. Essa definição é importante para lidar com produtos de densidades, como diz o próximo teorema:

Teorema 7 ([23]). Para $F_a, F_b \in \mathcal{F}_m^\sigma$ e $\theta \in \Theta$, vale

$$d(F_a, G; \theta) d(F_b, G; \theta) = d(F_a, F_b, G; \theta) + o(1),$$

onde o termo $o(1)$ vai para zero quando $|G|$ vai para infinito.

Seja $\mathcal{F}_m^\sigma = \{F_1, F_2, \dots, F_{|\mathcal{F}_m^\sigma|}\}$ e sejam $v \in \mathbb{R}^{|\mathcal{F}_m^\sigma|}$ um vetor e $Q \in \mathbb{R}^{|\mathcal{F}_m^\sigma| \times |\mathcal{F}_m^\sigma|}$ uma matriz positiva semidefinida. Então de $v^\top Q v \geq 0$, podemos escrever

$$\sum_{F_a, F_b \in \mathcal{F}_m^\sigma} Q_{ab} v_a v_b \geq 0.$$

Fazendo $v_F = d(F, G; \theta)$ e usando o Teorema 7, obtemos

$$\sum_{F_i, F_j \in \mathcal{F}_m^\sigma} Q_{ij} d(F_i, F_j, G; \theta) + o(1) \geq 0. \quad (4.12)$$

Agora, seja $H \in \mathcal{F}_l^\emptyset$ um flag sem vértices rotulados e seja Θ_H o conjunto de homorfismos injetivos de $[s]$ para $V(H)$. Da mesma forma que em (4.2), é fácil ver que

$$\mathbb{E}_{\theta \in \Theta} [d(F_a, F_b, G; \theta)] = \sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} \mathbb{E}_{\theta \in \Theta_H} [d(F_a, F_b, H; \theta)] d(H, G). \quad (4.13)$$

De (4.12) e (4.13), temos então

$$\sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} \sum_{F_i, F_j \in \mathcal{F}_m^\sigma} Q_{ij} \mathbb{E}_{\theta \in \Theta_H} [d(F_a, F_b, H; \theta)] d(H, G) + o(1) \geq 0.$$

Definindo $c_H(\sigma, m, Q) := \sum_{F_i, F_j \in \mathcal{F}_m^\sigma} Q_{ij} \mathbb{E}_{\theta \in \Theta_H} [d(F_a, F_b, H; \theta)]$, a desigualdade obtida é exatamente da forma

$$\sum_{H \in \mathcal{F}_l^\emptyset} c_H(\sigma, m, Q) d(H, G) + o(1) \geq 0. \quad (4.14)$$

Combinando (4.2) e (4.14), é possível obter cotas para problemas de Turán ao variar os hiperparâmetros m, l, σ do modelo e utilizar a cota de (4.5). Uma lista de resultados desse estilo, utilizando o software `flagmatic`, pode ser encontrada [aqui](#). Também é possível combinar escolhas de hiperparâmetros $c_H(\sigma_i, m_i, Q_i)$ para obter cotas mais refinadas (ver [15]).

4.1.4 A álgebra

Vamos agora entender a formalização das álgebras de flag. O objetivo geral do método aplicado a problemas de densidade e homomorfismos é obter desigualdades não triviais da forma

$$\sum_{F_i \in \mathcal{F}_l^\emptyset} a_i d(F_i, G) + o(1) \geq 0, \quad (4.15)$$

onde l é fixo e $Gin\mathcal{F}^\emptyset$ é um grafo (não rotulado) arbitrário. Para isso, vimos que é interessante considerar desigualdades na forma $\sum_{F_i \in \mathcal{F}_l^\sigma} a_i d(F_i, G) + o(1) \geq 0$, onde $G \in \mathcal{F}^\sigma$ e aplicar um operador linear (associado a uma distribuição de probabilidade) que gere uma desigualdade da forma de (4.15).

Como G é arbitrário (em geral, grande), podemos lidar com as somas $\sum_{F_i \in \mathcal{F}_l^\emptyset} a_i d(F_i, G)$ considerando essas somas como ações de \mathcal{F}^σ sobre $\mathbb{R}\mathcal{F}^\sigma$. Ou seja, vamos considerar as somas formais de σ -flags e deixar um grafo G agir sobre elas através de $\sum a_i F_i \mapsto a_i d(F_i, G)$. Note que, de (4.2), todo elemento da forma

$$\tilde{F} - \sum_{F \in \mathcal{F}_l^\sigma} d(\tilde{F}, F)F \quad (4.16)$$

é levado a 0 por qualquer G . Dessa forma, iremos definir o espaço vetorial $\mathcal{A}^\sigma := \mathbb{R}\mathcal{F}^\sigma / \mathcal{K}^\sigma$, onde \mathcal{K}^σ é o subespaço gerado pelos elementos da forma (4.16).

Finalmente, é importante definir uma noção adequada de multiplicação nesse espaço vetorial para manipular a multiplicação de densidades. Assim, também transformaremos \mathcal{A}^σ numa álgebra. Para $F_1 \in \mathcal{F}_{l_1}^\sigma$ e $F_2 \in \mathcal{F}_{l_2}^\sigma$ e $l \geq l_1 + l_2 - |\sigma|$, definimos

$$F_1 \cdot F_2 = \sum_{F \in \mathcal{F}_l^\sigma} d(F_1, F_2, F)F,$$

e definimos a multiplicação sobre \mathcal{A}^σ expandindo essa definição bilinearmente. É possível provar [23] que essa operação de multiplicação está bem definida em \mathcal{A}^σ , ou seja, que não depende da escolha de l . Pelo Teorema 7, temos que o mapa

$$\phi_G : \sum a_i F_i \in \mathcal{A}^\sigma \mapsto \sum a_i d(F_i, G) \in \mathbb{R}$$

pode ser visto como um “homomorfismo aproximado” de \mathcal{A}^σ para \mathbb{R} .

Apresentamos alguns exemplos em que \blacksquare é um tipo de tamanho 1:

$$\begin{aligned} \bullet &= \frac{1}{3} \bullet \bullet + \frac{2}{3} \bullet \bullet \bullet + \bullet \bullet \bullet, \\ \blacksquare \cdot \bullet &= \bullet \bullet + \bullet \bullet \bullet, \\ \blacksquare \cdot \bullet \bullet &= \frac{1}{2} \bullet \bullet + \frac{1}{2} \bullet \bullet \bullet. \end{aligned}$$

Muitas vezes, quando estamos querendo provar algum resultado de densidade, começamos com desigualdades de densidades com vértices especiais rotulados de acordo com um tipo σ . Para transferir esse resultado para grafos não rotulados (i.e., \emptyset -flags), escolhemos aleatoriamente onde alocar σ em G . Em álgebras de flag, esse formalismo será realizado por operadores lineares

$$[\![\cdot]\!] : \mathcal{A}^\sigma \rightarrow \mathcal{A}^\emptyset.$$

Para $F \in \mathcal{F}^\sigma$, definimos $[\![F]\!] = q(F) \downarrow F$, onde $\downarrow F \in \mathcal{F}^\emptyset$ é uma cópia de F em que os rótulos especiais são esquecidos e $q(F)$ é a probabilidade que a imagem de um homorfismo injetivo

$\theta : [|\sigma|] \rightarrow V(\downarrow F)$ escolhido uniformemente ao acaso defina um flag isomórfico a F . Em seguida, estendemos $[\cdot \cdot \cdot]$ linearmente para \mathcal{A}^σ . Por exemplo, temos

$$[[\bullet]] = \bullet, \quad [[\bullet \bullet]] = \frac{1}{3} \bullet \bullet, \quad [[\begin{matrix} & \bullet \\ 1 & 2 \end{matrix}]] = \frac{1}{3} \bullet \bullet.$$

Note que os $(\begin{matrix} & \bullet \\ 1 & 2 \end{matrix})$ -flags $\begin{matrix} & \bullet \\ 1 & 2 \end{matrix}$ e $\begin{matrix} & \bullet \\ 2 & 1 \end{matrix}$ não são isomórficos. Como esse tipo tem mais de um vértice, é importante rotulá-los, ao contrário de tipos de tamanho 1.

Finalmente, iremos lidar com a noção de “homomorfismos aproximados” de \mathcal{A}^σ a \mathbb{R} e como recuperar informação sobre densidades em grafos. Para cada σ -flag G , podemos associar um vetor (de dimensão infinita) $(d(F, G))_{F \in \mathcal{F}^\sigma} \in [0, 1]^{\mathcal{F}^\sigma}$. Se $(G_k)_{k \geq 0}$ é uma sequência de σ -flags tal que $d(F, G_k)$ converge para todo $F \in \text{calf}^\sigma$, então dizemos que $(G_k)_{k \geq 0}$ é *convergente*. Pelo Teorema de Tychonoff (REFERÊNCIA?), o espaço $[0, 1]^{\mathcal{F}^\sigma}$ com a topologia produto é compacto e portanto para toda sequência infinita $(G_k)_{k \geq 0}$ de σ -flags, possui uma subsequência infinita que é convergente. Para cada sequência convergente, existe um homomorfismo (entre espaços vetoriais) $\phi : F \in \mathcal{F}^\sigma \mapsto \lim_{k \rightarrow \infty} d(F, G_k) \in \mathbb{R}$, que pode ser estendido para um homomorfismo (entre álgebras) $\phi : \mathcal{A}^\sigma \rightarrow \mathbb{R}$. Esses homomorfismos serão chamados de *homomorfismos funcionais*. Dessa forma, se vale uma desigualdade $\sum a_i F_i \geq 0$ em \mathcal{A}^σ , então também vale $\phi(\sum a_i F_i) \geq 0$ para todo homomorfismo funcional ϕ , e logo $\sum a_i d(F_i, G_k) + o(1) \geq 0$ para toda sequência convergente $(G_k)_{k \geq 0}$, onde o termo $o(1)$ vai para zero quando $|G_k|$ vai para infinito.

Vamos mostrar mais uma vez o Teorema de Mantel usando a linguagem da álgebra. Começamos com

$$([\bullet] - [\square])^2 \geq 0.$$

Daí, temos

$$\bullet \bullet - 2 \bullet \square + \square \square \geq 0,$$

e multiplicando obtemos

$$\bullet \bullet - \bullet \square - \square \bullet + \square \square + \bullet \bullet \geq 0.$$

Aplicando $[\cdot \cdot]$, segue que

$$\frac{1}{3} \bullet \bullet - \frac{2}{3} \bullet \square - \frac{2}{3} \square \bullet + \frac{1}{3} \square \square + \bullet \bullet \geq 0 \implies \bullet \bullet - \frac{1}{3} \bullet \square - \frac{1}{3} \square \bullet \geq 0.$$

Dividindo por 2 e somando a igualdade

$$\bullet \bullet = \frac{1}{3} \bullet \bullet + \frac{2}{3} \bullet \square,$$

obtemos

$$\bullet \bullet \leq \frac{1}{2} \bullet \bullet + \frac{1}{6} \bullet \bullet + \frac{1}{2} \bullet \square \leq \frac{1}{2}.$$

Logo, toda sequência infinita de grafos livres de triângulos $(G_k)_{k \geq 0}$ possui uma subseqüência $(G_{i_k})_{k \geq 0}$ com $d(\bullet \text{---} \bullet, G_{i_k}) \leq 1/2 + o(1)$. Tome G_0 e G_N como um blow-up completo balanceado de G_0 em que cada vértice de G_0 é substituído por um conjunto independente de tamanho N . Então para alguma sequência $N_0 < N_1 < \dots$ vale $d(\bullet \text{---} \bullet, G_{N_k}) \leq 1/2 + o(1)$. Mas

$$d(\bullet \text{---} \bullet, G_{N_k}) = \frac{e(G_{N_k})}{v(G_{N_k})^2/2} + o(1) = \frac{N_k^2 e(G_0)}{N_k^2 v(G_0)^2/2} + o(1) = \frac{e(G_0)}{v(G_0)^2/2} + o(1),$$

logo $e(G_0) \leq (1/4 + o(1))v(G_0)^2$, e como o termo $o(1)$ pode ser tornado arbitrariamente pequeno, obtemos $e(G_0) \leq v(G_0)^2/4$ para qualquer escolha de G_0 .

4.2 Aplicações

Vamos provar o Teorema 5 usando álgebras de flag. Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices. Primeiro, observe que, para todo vértice $v \in V(G)$, o conjunto

$$A_v := E(G - N(v))$$

de arestas entre os não vizinhos de v é tal que $G - A_v$ é bipartido considerando as classes $(N(v), V(G) \setminus N(v))$. Portanto,

$$D(G) \leq \min_{v \in V(G)} |A_v|,$$

ou ainda

$$D(G) \leq \mathbb{E}_{v \in V(G)} [|A_v|], \quad (4.17)$$

onde $v \in V(G)$ é escolhido aleatoriamente ao acaso.

Isso nos mostra que é possível modelar certas escolhas de bipartição e, portanto, de arestas que precisamos contar/deletar a partir de um único vértice *especial*. Na linguagem de álgebras de flag (sobre os grafos livres de triângulos):

Teorema 8. Se $\left[\begin{smallmatrix} \bullet & \bullet \\ \square & \bullet \end{smallmatrix} \right] \geq 2/25$, então $\bullet \text{---} \bullet \leq 2/5$.

Demonstração. Primeiro, vamos fixar o tipo σ de tamanho 1, e os inteiros $l = 3$ e $m = 2$ (assim como no Teorema de Mantel). Da desigualdade

$$\left[\left[\begin{smallmatrix} \bullet & \bullet \\ \square & \bullet \end{smallmatrix} \right] \left[\begin{matrix} a_{11} & a_{12} \\ a_{12} & a_{22} \end{matrix} \right] \left[\begin{smallmatrix} \bullet & \bullet \\ \square & \bullet \end{smallmatrix} \right] \right] \geq 0,$$

segue

$$\left(\frac{1}{3}a_{11} + \frac{2}{3}a_{12} \right) \bullet \text{---} \bullet + \left(\frac{2}{3}a_{12} + \frac{1}{3}a_{22} \right) \bullet \text{---} \bullet + a_{22} \bullet \text{---} \bullet \geq 0.$$

Além disso,

$$\bullet \text{---} \bullet = \frac{2}{3} \bullet \text{---} \bullet + \frac{1}{3} \bullet \text{---} \bullet,$$

logo

$$\begin{aligned} \bullet \bullet + \frac{6}{25}x &\leq \left(\frac{2}{3} + \frac{1}{3}a_{11} + \frac{2}{3}a_{12} \right) \bullet \bullet + \left(\frac{1}{3} + \frac{2}{3}a_{12} + \frac{1}{3}a_{22} + x \right) \bullet \bullet + a_{22} \bullet \bullet \\ &\leq \max \left\{ \frac{2}{3} + \frac{1}{3}a_{11} + \frac{2}{3}a_{12}, \frac{1}{3} + \frac{2}{3}a_{12} + \frac{1}{3}a_{22} + x, a_{22} \right\}. \end{aligned}$$

Finalmente,

$$\bullet \bullet \leq \max \left\{ \frac{2}{3} + \frac{1}{3}a_{11} + \frac{2}{3}a_{12}, \frac{1}{3} + \frac{2}{3}a_{12} + \frac{1}{3}a_{22} + x, a_{22} \right\} - \frac{6}{25}x$$

para toda escolha de $\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} \\ a_{12} & a_{22} \end{bmatrix} \succeq 0$ e $x \geq 0$.

Um software específico de SDP (cvxpy) pode ser usado para encontrar que o mínimo da expressão acima é $2/5$ para

$$A = \begin{bmatrix} 6/5 & -4/5 \\ -4/5 & 8/15 \end{bmatrix}, \quad x = 5/9.$$

□

4.2.1 Cortes locais

Em [16], os autores provam a seguinte conjectura de Sudakov [26]:

Teorema 9. *Seja G um grafo K_6 -livre com n vértices. Então G pode ser tornado bipartido deletando no máximo $4n^2/25$.*

O principal ingrediente dos resultados provados em [16] é a utilização de álgebras de flag para expressar os chamados *cortes locais*.

O Teorema 8 mostra como podemos definir cortes (ou seja, subgrafos bipartidos grandes) a partir de um único vértice, e também como utilizar álgebras de flag para expressar a densidade de arestas fora de cada um desses cortes e foi utilizada em [21, 2]. A mesma ideia pode ser usada para definir bipartição a partir de outros conjuntos pequenos de vértices.

Por exemplo, se G é livre de triângulos e $uv \in E(G)$, então é possível definir uma bipartição de $V(G)$ com $N(u)$ em uma das partes, $N(v)$ em outra das partes e, para cada vértice em $V(G) \setminus (N(u) \cup N(v))$, decidimos uniformemente ao acaso com probabilidade $1/2$ em qual das partes definidas por $N(u)$ e $N(v)$ ele será colocado. A escolha é feita de forma aleatória porque sabemos que o maior corte (determinístico) que pode ser gerado tem tamanho pelo menos o valor esperado do tamanho do corte na escolha aleatória, e é fácil calcular esse valor.

Se nenhum desses cortes deixa no máximo $n^2/25$ arestas de fora, então a densidade esperada das arestas fora de qualquer um desses cortes definidos localmente é pelo menos $2/25$, o que pode ser expressado da seguinte maneira:

$$\left[\frac{1}{2} \begin{smallmatrix} 1 & \\ & 2 \end{smallmatrix} \begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix} + \frac{1}{2} \begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix} \begin{smallmatrix} 1 & \\ & 2 \end{smallmatrix} + \frac{1}{2} \begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix} \begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix} \right] \geq \frac{2}{25}. \quad (4.18)$$

O seguinte resultado sugere que o método de cortes locais pode ser utilizado para obter cotas significativamente melhores para resultados parciais na direção da Conjectura 1.

Teorema 10 ([2]). *Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices. Então, vale que*

1. $D(G) \leq \frac{n^2}{23.5}$;
2. $D(G) \leq \frac{n^2}{25}$ se $e(G) \geq 0.3197\binom{n}{2}$;
3. $D(G) \leq \frac{n^2}{25}$ se $e(G) \leq 0.2486\binom{n}{2}$.

Contudo, os autores de ([2]) não detalharam o método utilizado.

De forma geral, um *corte local* é definido a partir de um tipo σ de tamanho k (nos exemplos que já vimos, usamos os tipos $\begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix}$ e $\begin{smallmatrix} 1 & \\ & 2 \end{smallmatrix}$) e uma função $p : \mathcal{P}(V(\sigma)) \rightarrow [0, 1]$. Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e n indo ao infinito, e $S \subseteq V(G)$ tal que $G[S]$ é isomorfo a σ . Seja também $p_S : \mathcal{P}(S) \rightarrow [0, 1]$ o análogo de p em S . Defina uma bipartição aleatória (A, B) de $G \setminus S$ em que cada elemento $v \in V(G) \setminus S$ é adicionado à parte A com probabilidade $p_S(N_G(v) \cap S)$ ou à parte B com probabilidade com probabilidade $1 - p_S(N_G(v))$. Se $\sigma = \begin{smallmatrix} & 1 \\ 1 & 2 \end{smallmatrix}$ e $p_\emptyset = 1.0$, $p_{\{v\}} = 0.0$, essa é a bipartição determinística de 4.

Não é importante decidir em que lado da partição os vértices de S ficam porque k é constante com relação a n , então as arestas adjacentes a S são $O(n)$. Dessa forma, o número esperado de arestas fora do corte gerado pela bipartição (A, B) é

$$O(n) + \sum_{X, Y \subseteq V(S)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) m_{XY},$$

onde m_{XY} é o número de arestas de $G \setminus S$ com um dos extremos ligado exatamente a X e o outro extremo ligado exatamente a Y .

Para $X, Y \subseteq V(\sigma)$, seja $F_{X,Y}^\sigma \in \mathcal{F}_{k+2}^\sigma$ o flag que tem dois vértices não rotulados conectados por uma aresta, um deles ligados a X em σ , e o outro ligado a Y em σ . Assim, podemos assumir que, para qualquer escolha de S , vale que

$$\begin{aligned} O(n) + \sum_{X, Y \subseteq V(\sigma)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) \binom{n-k}{2} d(F_{X,Y}^\sigma, G^\sigma) &\geq \frac{n^2}{25} \\ \iff \sum_{X, Y \subseteq V(\sigma)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) d(F_{X,Y}^\sigma, G^\sigma) &\geq \frac{2}{25} + O\left(\frac{1}{n}\right), \end{aligned}$$

onde G^σ é o grafo em que rotulamos S como sendo σ . Escolhendo S aleatoriamente, obtemos

$$\sum_{X, Y \subseteq V(\sigma)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) q(F_{X,Y}^\sigma) d(\downarrow F_{X,Y}^\sigma, G) \geq \frac{2}{25} + o(1).$$

Omitindo G e o termo $o(1)$, que já sabemos que podemos omitir, obtemos finalmente

$$\sum_{X,Y \subseteq V(\sigma)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) \llbracket F_{X,Y}^\sigma \rrbracket \geq 0.08. \quad (4.19)$$

Chamamos essa desigualdade de uma (σ, p) -restrição.

Também sabemos que podemos gerar restrições escolhendo um tipo π , um inteiro $m \geq |\pi|$ e, listando $\mathcal{F}_m^\pi = \{F_1, F_2, \dots, F_\ell\}$, para qualquer $A \in \mathbb{S}_+^\ell$ vale que

$$\sum_{i,j=1}^{\ell} A_{ij} \llbracket F_i F_j \rrbracket \geq 0. \quad (4.20)$$

Chamamos essa desigualdade de uma (π, m) -restrição.

4.2.2 Construindo o programa

Note que uma (σ, p) -restrição é escrita em termos de elementos de $\mathcal{F}_{|\sigma|+2}^\emptyset$, e uma (π, m) -restrição é escrita em termos de elementos de $\mathcal{F}_{2m-|\pi|}^\emptyset$. Fixe uma coleção $\{(\sigma_1, p_1), (\sigma_2, p_2), \dots, (\sigma_r, p_r)\}$ de (σ, p) -restrições e uma coleção $\{(\pi_1, m_1), (\pi_2, m_2), \dots, (\pi_s, m_s)\}$ de (π, m) -restrições. Tome $m \geq \max_i(|\sigma_i| + 2), \max_j(2m_j - |\pi_j|)$. Usando 4.16, podemos escrever as $r + s$ restrições como desigualdades em \mathcal{F}_m^\emptyset .

De forma mais explícita, uma (σ, p) -restrição pode ser reescrita em \mathcal{F}_m^\emptyset como

$$\sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} \left(\sum_{X,Y \subseteq V(\sigma)} (p_X p_Y + (1 - p_X)(1 - p_Y)) ([F] \llbracket F_{X,Y}^\sigma \rrbracket) \right) F \geq 0.08,$$

onde $[F]F'$ é o coeficiente de F quando F' é expandido em termos de flags de ordem $|F|$. Escreva cada uma das (σ, p) -restrições como

$$\sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} c(F)F \geq 0.08, \quad (4.21)$$

onde os $c(F)$'s são coeficientes não negativos.

Analogamente, uma (π, m) -restrição pode ser reescrita como

$$\sum_{i,j=1}^{\ell} A_{ij} [F] \llbracket F_i F_j \rrbracket F \geq 0 \iff \sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} \left(\sum_{i,j=1}^{\ell} d_{ij}(F) A_{ij} \right) F \geq 0. \quad (4.22)$$

Finalmente, escreva

$$\bullet = \sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} b(F)F. \quad (4.23)$$

Combinando as equações (4.21), (4.22) e (4.23), obtemos que

$$\begin{aligned}
 \bullet &\leq \sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} \left(b(F) + \sum_{i=1}^r c_i(F) \cdot \alpha_i + \sum_{k=1}^s \sum_{i,j=1}^{\ell_k} d_{kij}(F) \cdot (A_k)_{ij} \right) F - \sum_{i=1}^r 0.08 \alpha_i \\
 &= \sum_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} \left(b(F) + \sum_{i=1}^r (c_i(F) - 0.08) \cdot \alpha_i + \sum_{k=1}^s \sum_{i,j=1}^{\ell_k} d_{kij}(F) \cdot (A_k)_{ij} \right) F \\
 &\leq \max_{F \in \mathcal{F}_m^\emptyset} \left(b(F) + \sum_{i=1}^r (c_i(F) - 0.08) \cdot \alpha_i + \sum_{k=1}^s \sum_{i,j=1}^{\ell_k} d_{kij}(F) \cdot (A_k)_{ij} \right),
 \end{aligned}$$

onde $\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_r \geq 0$ são escalares.

Finalmente, podemos montar o seguinte programa semidefinido para encontrar o valor ótimo da expressão acima:

$$\begin{aligned}
 &\text{Minimizar} \quad M \\
 &\text{sujeito a} \quad M - \sum_{i=1}^r (c_i(F) - 0.08) \alpha_i \\
 &\quad - \sum_{k=1}^s \sum_{i,j=1}^{\ell_k} d_{kij}(F) (A_k)_{ij} \geq b(F), \quad \text{para cada } F \in \mathcal{F}_m^\emptyset, \\
 &\quad M \geq 0, \\
 &\quad \alpha_i \geq 0, \quad \text{para cada } i \in [r], \\
 &\quad A_k \in \mathbb{S}_+^{\ell_k}, \quad \text{para cada } k \in [s].
 \end{aligned}$$

Se d^* é o valor ótimo desse programa, então a Conjectura 1 está provada para grafos com pelo menos $\frac{d^*}{2} n^2$ arestas. O nosso objetivo, é combinar (σ, p) -restrições e (π, m) -restrições que deem a valores menores de d^* .

Usando algumas boas escolhas de restrições, conseguimos baixar o resultado de 5 (que equivaleria a $d^* = 0.40$) para $d^* = 0.362867$.

4.3 Considerações sobre software e questões numéricas

Até a data da entrega desse trabalho, não há um software unificado utilizado para realizar manipulações com álgebras de flag (ver [22]). O Sage ainda não possui algo de álgebra de flag, o que é uma pena. Em problemas do tipo Turán, o **flagmatic** já foi usado e testado com importantes resultados. Há uma implementação para rust também. Por exemplo, é possível verificar o resultado de [15] em poucos segundos com uma execução do **flagmatic**. Nesse trabalho, optamos por utilizar o pacote **flag-algebra-program-package**, desenvolvido por Leonardo Nagami Coregliano, para elaborar os programas, porque oferecia uma quantidade suficiente de abstração e maleabilidade para implementar o que precisávamos.

Além disso, não fizemos as computações de forma exata. O flagmatic faz isso, mas aqui por simplicidade, para observar de forma empírica métodos de [2], não fizemos as computações de forma implícita. Ou seja, seria necessário verificar o resultado para $e(G) \geq (0.2 - \epsilon)n^2$, onde ϵ vem da precisão da máquina.

Capítulo 5

Restrições de grau mínimo

5.1 Grafos livres de triângulos com grau mínimo grande

Na literatura de teoria extremal de grafos, o estudo de grafos livres de certas estruturas com grau mínimo limitado inferiormente merece atenção especial. Um dos teoremas mais fundamentais nesse sentido é o Teorema de Andrásfai-Erdős, Sós:

Teorema 11 ([1]). Seja $r \geq 2$ e G um grafo livre de K_{r+1} com n vértices. Se

$$\delta(G) > \frac{3r-4}{3r-1}n,$$

então G é r -partido.

Para grafos livres de triângulos, o Teorema 11 prova que, se um grafo livre de triângulos tem grau mínimo maior que $\delta(G) > 2n/5$, então ele é bipartido. Automaticamente, a Conjectura 1 é verdadeira para grafos com grau mínimo maior que $2n/5$. Mas se $\delta(G) > 2n/5$, então $e(G) > n^2/5$, o que já é coberto pelo Teorema 5. Portanto, é de se perguntar se a condição de grau mínimo pode ser relaxada, a fim de obter algum resultado que não seja automaticamente verdade pela cota em $e(G) \geq n^2/5$.

De fato, essa condição pode ser relaxada:

Teorema 12 ([5]). Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e $\delta(G) > n/3$. Então $\chi(G) \leq 4$.

Além disso, o resultado de [5] permite caracterizar completamente os grafos livres de triângulos e grau mínimo maior que $n/3$ como os grafos homomórficos aos grafos Vega.

É interessante observar que a condição do Teorema 12 não pode ser substituída por $\delta(G) > cn$ para nenhum $c < 1/3$. De fato, para todo $\varepsilon > 0$, existem grafos de n vértices com grau mínimo maior que $(1/3 - \varepsilon)n$ mas número cromático não limitado (ver [11]).

O Teorema 12 permite descrever exatamente quem são os conjuntos de arestas que podemos remover para calcular $D(G)$ sempre que $\delta(G) > n/3$ usando o Teorema 3. Porém,

a estrutura dos grafos Vega é não-trivial (o menor deles tem 11 vértices), e por isso iremos restringir a nossa análise a um teorema estrutural mais simples com a restrição adicional de $\chi(G) = 3$ ou a restrição de grau mínimo substituída por $\delta(G) > 10n/29$.

5.1.1 Grafos de Andrásfai

Os grafos de Andrásfai são importantes estruturas no estudo de propriedade de estabilidade em grafos livres de triângulo e são definidos da seguinte forma.

Definição 3. Seja $d \geq 1$ um inteiro positivo. O *grafo de Andrásfai* F_d é o grafo com vértices $\{0, 1, \dots, 3d - 2\}$ (módulo $3d - 1$) e arestas entre i e $i + d + j$ para cada $j \in \{0, 1, \dots, d - 1\}$.

Uma forma de representar os grafos de Andrásfai é colocar os vértices em uma circunferência em sentido horário como vértices de $(3d - 1)$ -ágono regular e ligar cada vértice com os d vértices mais distantes.

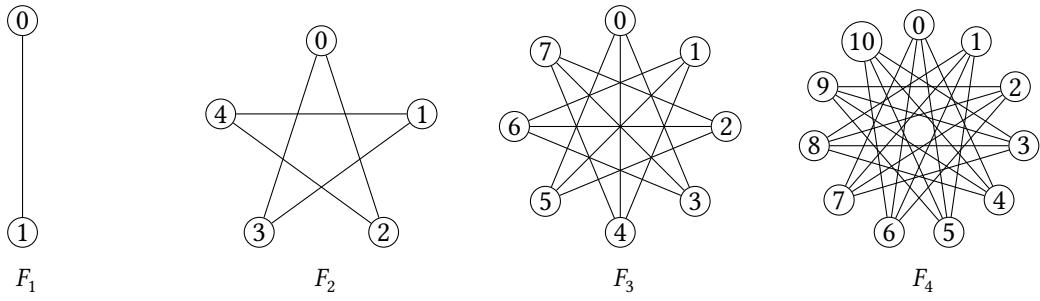


Figura 5.1: Grafos de Andrásfai para $d \in \{1, 2, 3, 4\}$. Observe que F_d é d -regular e livre de triângulos.

No que se segue, para grafos G e H , usaremos a notação $G \hookrightarrow H$ para representar que G é homomórfico a H (isto é, G é um subgrafo de um blow-up de H). Os Teoremas 13 e 14 formam a caracterização estrutural procurada.

Teorema 13 ([17]). Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e grau mínimo maior que $10n/29$. Então $G \hookrightarrow F_9$.

Teorema 14 ([7]). Seja G um grafo livre de triângulos com n vértices e $\chi(G) \leq 3$. Se $\delta(G) > \frac{d+1}{3d+2}n$ para algum $d \geq 1$, então G está contido em um blow-up de F_d .

Do Teorema 14, segue diretamente que se G é um grafo livre de triângulos com n vértices, grau mínimo $\delta(G) > n/3$ e $\chi(G) \leq 3$, então G é homomórfico a algum F_d .

5.2 A Conjectura 1 para grafos de Andrásfai

Em [3], os autores verificam o seguinte resultado para a Conjectura 2:

Teorema 15 ([3]). Se um grafo G com n vértices é homomórfico a um grafo de Andrásfai F_d para algum $d \geq 1$, então existe $X \subseteq V(G)$ com $|X| \leq \lfloor n/2 \rfloor$ e $e(G[X]) \leq n^2/50$.

Para isso, os autores utilizaram a seguinte representação envolvendo a representação de grafos de Andrásfai como subgrafos finitos de um grafo infinito com vértices no círculo

unitário, e o conjunto X é escolhido de forma geométrica, como os pontos em um intervalo no círculo com os vértices de G .

Nessa seção, provamos o seguinte resultado:

Teorema 16. *Seja G um grafo livre de triângulos isomorfo a F_d para algum $d \geq 1$. Então G satisfaz a Conjectura 1 se alguma das condições abaixo vale:*

1. $d \leq 3$;
2. Cada uma das $3d - 1$ classes de G tem tamanho no máximo $\frac{2}{5d}|G|$.

5.2.1 Condição 1

A seguir, apresentamos uma prova da Conjectura 1 para grafos homomórficos a F_3 . Inicialmente, verificamos um lema geral sobre partições do conjunto de arestas em grafos livres de triângulos.

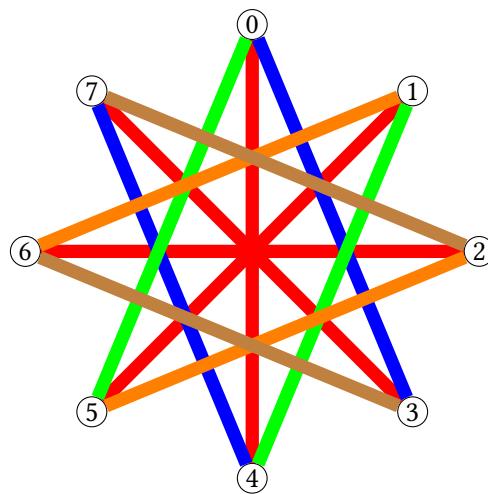
Lema 1. *Seja G um grafo e suponha que existem $E_1, E_2, E_3, E_4, E_5 \subseteq E$, dois a dois disjuntos, tais que $G - E_i$ é bipartido para cada $i \in \{1, 2, 3, 4, 5\}$. Então G satisfaz a Conjectura 1.*

Demonstração. Se $e(G) \geq n^2/5$, então o resultado segue do Teorema 5. Por outro lado, se $e(G) < n^2/5$, então

$$5 \min\{|E_1|, |E_2|, |E_3|, |E_4|, |E_5|\} \leq |E_1| + |E_2| + |E_3| + |E_4| + |E_5| \leq e(G) < \frac{n^2}{5},$$

e para $|E_i| = \min\{|E_1|, |E_2|, |E_3|, |E_4|, |E_5|\}$ temos $G - E_i$ bipartido com $|E_i| < n^2/5$. \square

Dessa forma, se apresentarmos uma tal partição para F_d , ela também valerá para qualquer blow-up de F_d , independentemente dos tamanhos relativos entre as classes no blow-up. A figura a seguir mostra que tal partição existe para F_3 :



O seguinte resultado é imediato da partição acima e dos Teoremas 13 e 14.

Corolário 2. *Se G é um grafo livre de triângulo com n vértices e $\delta(G) > 4n/11$, então $D(G) \leq \frac{n^2}{25}$.*

A partição do Lema 1 não ocorre em geral, e é fácil ver que tal partição não existe já para F_4 .

5.2.2 Condição 2

Na Seção 5.2.1, utilizamos a estratégia de tentar encontrar conjuntos explícitos de arestas $F \subseteq E(F_d)$ tais que $F_d - F$ é bipartido e transferir as propriedades dessas arestas para blow-ups de F_d . Pelo Teorema 3, essa estratégia não é somente razoável, mas suficiente para encontrar conjuntos de arestas de grafos $H \hookrightarrow F_d$ que realizem $D(H)$.

Assim, seguimos a estratégia geral de procurar, em F_d , conjuntos de arestas pequenos cuja remoção torna F_d bipartido. É fácil ver que os conjuntos independentes maxima de F_d são conjuntos de vértices consecutivos (módulo $3d - 1$), e portanto é natural considerar conjuntos que possuem a maior quantidade possível de vértices consecutivos, ou seja, com uma das partes tendo os vértices de 0 a $\lfloor 3d/2 \rfloor - 1$ e a outra parte tendo os vértices de $\lfloor 3d/2 \rfloor$ a $3d - 1$.

Teorema 17. *Seja $d \geq 1$. Então*

$$D(F_d) \leq \left\lfloor \frac{d^2}{4} \right\rfloor.$$

Demonastração. Basta apresentar uma bipartição (A, B) de F_d com $e(G[A]), e(G[B]) = \lfloor d^2/4 \rfloor$.

Considere a bipartição em que cada parte é formada por (aproximadamente) metade dos vértices de F_d . Mais precisamente, considere a bipartição

$$(A, B) = (\{0, 1, \dots, \lfloor (3d-1)/2 \rfloor - 1\}, \{3d-2, 3d-3, \dots, \lfloor (3d-1)/2 \rfloor\}).$$

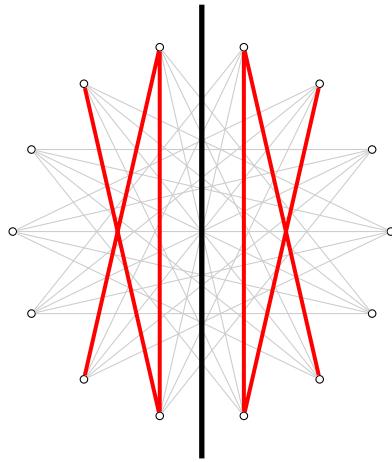


Figura 5.2: Exemplo da bipartição para $d = 5$.

Em A , as arestas que ligam vértices a uma distância ℓ (percorrida no círculo no sentido mais próximo) são $\lfloor (3d-1)/2 \rfloor - \ell$, para cada $\ell \in \{d, d+1, \dots, |A|-1\}$. Fazendo a contagem

análoga para B , obtemos:

$$\begin{aligned}
 e(G[A]) + e(G[B]) &= \sum_{\ell=d}^{\left\lfloor \frac{3d-1}{2} \right\rfloor - 1} \left\lfloor \frac{3d-1}{2} \right\rfloor - \ell + \sum_{\ell=d}^{\left\lceil \frac{3d-1}{2} \right\rceil - 1} \left\lceil \frac{3d-1}{2} \right\rceil - \ell \\
 &= \sum_{i=1}^{\left\lfloor \frac{d-1}{2} \right\rfloor} i + \sum_{i=0}^{\left\lceil \frac{d-1}{2} \right\rceil} i \\
 &= \frac{1}{2} \left(\left\lfloor \frac{d-1}{2} \right\rfloor \left\lceil \frac{d+1}{2} \right\rceil + \left\lceil \frac{d-1}{2} \right\rceil \left\lceil \frac{d+1}{2} \right\rceil \right).
 \end{aligned}$$

Se d é ímpar, temos $e(G[A]) + e(G[B]) = 2(d^2 - 1)/8 = \lfloor d^2/4 \rfloor$. Se d é par, temos $e(G[A]) + e(G[B]) = 2d^2/8 = \lfloor d^2/4 \rfloor$.

□

Finalmente, se toda classe de G tem tamanho no máximo $2|G|/5d$, segue que

$$D(G) \leq D(F_d) \cdot \frac{4|G|^2}{25d^2} \leq \frac{d^2}{4} \cdot \frac{4|G|^2}{25d^2} = \frac{|G|^2}{25}.$$

O resultado de 2 pode ser melhorado utilizando os mesmos conjuntos de arestas mas tomando de vértices geradas rotacionando a linha que separa as partes do subgrafo bipartido final. Para casos mais gerais, pode-se incluir pesos $x_0, x_2, \dots, x_{3d-2} \in [0, 1]$ com $\sum_{i=0}^{3d-2} x_i = 1$ e modelar o número de arestas removidas como uma expressão da forma $\sum_{ij \in F} x_i x_j$, onde $F \subseteq E(F_d)$ é tal que $F_d - F$ é bipartido.

Contudo, a região factível do programa resultante não é côncava. Uma forma fácil de verificar isso é que tomando $U \subseteq V(F_d)$ tal que $G[U] \cong F_2$ e a atribuição

$$\begin{cases} x_v = \frac{1}{5} & \text{se } v \in U, \\ x_v = 0 & \text{se } v \notin U. \end{cases}$$

Essa atribuição equivale a um blow-up de F_d que também é um blow-up balanceado de essencialmente toma um blow-up F_d que é isomorfo a um blow-up balanceado de F_2 , que não pode ser tornado bipartido pela deleção de menos que $n^2/5$ arestas. Dessa forma, todas essas atribuições são extremos locais para os problemas de otimização razoáveis que podem ser considerados. Para d pequeno, verificamos empiricamente que, de fato, esses são os únicos extremos locais.

Capítulo 6

Conclusão

Nesse trabalho, apresentamos a Conjectura 1 de Erdős, que completa 50 anos em aberto no ano de 2025. No Capítulo 3, estudamos resultados parciais clássicos para a conjectura, utilizando contagens e simetrização que remontam às décadas de 1970 e 1980. Nos Capítulos 4 e 5, propusemos estudar a Conjectura 1 utilizando técnicas mais modernas de teoria extremal de grafos: as álgebra de flag de Razborov e os Teoremas de [17] e [5].

Os métodos utilizados no Capítulo 4 se apresentam bastante robustos e o Teorema 10 sobre os resultados do Capítulo 5, uma vez que grafos com grau mínimo maior que $n/3$ tem mais de $n^2/6$ arestas.

Não se descarta a importância do estudo continuado de propriedades estruturais de blow-ups de Andrásfai para a Conjectura 1, em particular para compreender a dinâmica do problema em blow-ups de grafos conhecidos ou os exemplos extremais abaixo do limiar de arestas $n^2/5$ (não coberto pelo Teorema 6).

Por fim, destaca-se mais uma vez a relação entre as Conjecturas 1 e 2. Recentemente, o método de álgebras de flag também foi utilizado para obter resultados parciais para a Conjectura 2 (trocando a constante $1/50$ por $27/1024$). Dessa forma, espera-se que os produtos desse trabalho possam ser utilizados em problemas relacionados da área.

Referências

- [1] Béla Andrásfai, Paul Erdős e Vera T Sós. “On the connection between chromatic number, maximal clique and minimal degree of a graph”. Em: *Discrete Mathematics* 8.3 (1974), pp. 205–218 (ver p. 25).
- [2] József Balogh, Felix Christian Clemen e Bernard Lidický. “Max cuts in triangle-free graphs”. Em: *Extended Abstracts EuroComb 2021: European Conference on Combinatorics, Graph Theory and Applications*. Springer. 2021, pp. 509–514 (ver pp. 20, 21, 24).
- [3] Wiebke Bedenknecht et al. “On the local density problem for graphs of given odd-girth”. Em: *Journal of Graph Theory* 90.2 (2019), pp. 137–149 (ver p. 26).
- [4] F. H. Botler et al. *Combinatória*. Rio de Janeiro: IMPA, 2022. URL: <https://impa.br/wp-content/uploads/2022/01/33CBM02-eBook.pdf> (ver pp. 1, 5, 6).
- [5] Stephan Brandt e Stéphan Thomassé. “Dense triangle-free graphs are four-colorable: A solution to the Erdos-Simonovits problem”. Em: *preprint* (2011), p. 172 (ver pp. 25, 31).
- [6] Marcel K de Carli Silva, Fernando Mário de Oliveira Filho e Cristiane Maria Sato. “Flag algebras: a first glance”. Em: *Nieuw Arch. Wiskd.*(5) 17.3 (2016), pp. 193–199 (ver p. 11).
- [7] Chuan-Chong Chen, Guoping P Jin e Khee Meng Koh. “Triangle-free graphs with large degree”. Em: *Combinatorics, Probability and Computing* 6.4 (1997), pp. 381–396 (ver p. 26).
- [8] Paul Erdős. “Problems and results in graph theory and combinatorial analysis”. Em: *Proc. British Combinatorial Conj., 5th* (1975), pp. 169–192 (ver pp. 6, 10).
- [9] Paul Erdős. “Some old and new problems in various branches of combinatorics”. Em: *Discrete Mathematics* 165.15 (1997), pp. 227–231 (ver p. 10).
- [10] Paul Erdős, Ervin Győri e Miklós Simonovits. “How many edges should be deleted to make a triangle-free graph bipartite”. Em: *Sets, graphs and numbers, Colloq. Math. Soc. János Bolyai*. Vol. 60. 1992, pp. 239–263 (ver pp. 7, 9).
- [11] Paul Erdős e Miklós Simonovits. “On a valence problem in extremal graph theory”. Em: *Discrete Mathematics* 5.4 (1973), pp. 323–334 (ver p. 25).
- [12] Paul Erdős et al. “How to make a graph bipartite.” Em: *J. Comb. Theory, Ser. B* 45.1 (1988), pp. 86–98 (ver pp. 8, 9).

- [13] Zoltán Füredi. “A proof of the stability of extremal graphs, Simonovits’ stability from Szemerédi’s regularity”. Em: *Journal of Combinatorial Theory, Series B* 115 (2015), pp. 66–71 (ver p. 6).
- [14] Andrzej Grzesik. “Flag Algebras in Extremal Graph Theory”. PhD Thesis. Jagiellonian University, 2014 (ver p. 11).
- [15] Andrzej Grzesik. “On the maximum number of five-cycles in a triangle-free graph”. Em: *Journal of Combinatorial Theory, Series B* 102.5 (2012), pp. 1061–1066 (ver pp. 16, 23).
- [16] Ping Hu et al. “Large multipartite subgraphs in H-free graphs”. Em: *Extended Abstracts EuroComb 2021: European Conference on Combinatorics, Graph Theory and Applications*. Springer. 2021, pp. 707–713 (ver pp. 6, 20).
- [17] Guoping Jin. “Triangle-free four-chromatic graphs”. Em: *Discrete Mathematics* 145.1-3 (1995), pp. 151–170 (ver pp. 26, 31).
- [18] Peter Keevash e Benny Sudakov. “Sparse halves in triangle-free graphs”. Em: *Journal of Combinatorial Theory, Series B* 96.4 (2006), pp. 614–620 (ver p. 10).
- [19] Michael Krivelevich. “On the edge distribution in triangle-free graphs”. Em: *Journal of Combinatorial Theory, Series B* 63.2 (1995), pp. 245–260 (ver p. 10).
- [20] W Mantel. “Problem 28, Wiskundige Opgaven”. Em: (1907) (ver p. 5).
- [21] Sergey Norin e Yue Ru Sun. “Triangle-independent sets vs. cuts”. Em: *arXiv preprint arXiv:1602.04370* (2016) (ver p. 20).
- [22] Olaf Parczyk et al. “Fully computer-assisted proofs in extremal combinatorics”. Em: *Proceedings of the AAAI conference on artificial intelligence*. Vol. 37. 10. 2023, pp. 12482–12490 (ver p. 23).
- [23] Alexander A Razborov. “Flag algebras”. Em: *The Journal of Symbolic Logic* 72.4 (2007), pp. 1239–1282 (ver pp. 11, 16, 17).
- [24] Alexander A Razborov. “Flag algebras: an interim report”. Em: *The Mathematics of Paul Erdős II*. Springer, 2013, pp. 207–232 (ver p. 11).
- [25] Miklós Simonovits. “A method for solving extremal problems in graph theory, stability problems”. Em: *Theory of Graphs (Proc. Colloq., Tihany, 1966)*. 1968, pp. 279–319 (ver p. 6).
- [26] Benny Sudakov. “Making a K_4 -free graph bipartite”. Em: *Combinatorica* 27.4 (2007), pp. 509–518 (ver pp. 6, 20).